

Pautar a pesquisa em busca de iniciativas pelo combate à desinformação

A crescente e contagiante onda de desinformação que atravessa os mais variados campos sociais no mundo contemporâneo está longe de ser um fenômeno inédito ou casual. Boato, inverdades parciais, mentiras e informação descontextualizada são algumas das formas mais frequentes que, bem antes das experiências digitais, já existiam em diferentes proporções ou variadas situações sob outras nomeações. Com lógicas similares, as estratégias desinformativas se tornam, diuturnamente, presentes nos espaços e relações sociais.

Quando o problema se torna uma prática recorrente que coloca a vida de pessoas em risco (como as campanhas antivacina), ameaçam a democracia (como fazem grupos organizados para destruir o patrimônio público quando não aceitam derrota nas urnas eleitorais) e comprometem a credibilidade noticiosa ao tentar impor uma versão negacionista de fatos físicos, então, a desinformação se materializa como um fenômeno social. E, como tal, não pode ser ignorado, pois impacta a própria existência humana e ameaça a vida no planeta.

Compreender o fenômeno desinformativo é, pois, uma tarefa urgente que também cabe aos profissionais da educação, pesquisadores da ciência e tecnologia. Pautar o problema exige a criação de políticas públicas como salvaguarda social, bem como garantias constitucionais que demandam debates coletivos nos mais diversos espaços sociais.

Pautar, discutir e compreender as expressões e formas da desinformação é um primeiro objetivo do dossiê, aqui apresentado pela revista Pauta Geral. O segundo desafio é situar o problema, a partir de iniciativas que ousam avaliar e propor ações que envolvem a formação profissional, as práticas de ensino e outras demandas que estão em sintonia com as implicações que afetam o cotidiano de moradores das cidades, estados e países em todo o mundo.

Não se trata de uma aposta isolada e tampouco unilateral, pois diversas entidades, movimentos e organizações científicas (como a Rede Nacional de Combate à Desinformação

- RNCD), profissionais e inclusive setores do estado (como o Programa Nacional de Combate à Desinformação, coordenado pelo Supremo Tribunal Federal, do qual participam dezenas de universidades em todo o Brasil) já estão sintonizadas com os desafios investigativos capazes de indicar pistas e iniciativas no combate à desinformação, que se torna um compromisso coletivo na medida em que as práticas desinformacionais colocam sob suspeita, ameaça e risco as mais variadas relações que orientam e marcam a vida social.

A edição abre com a apresentação do “Projeto Credibilidade”, da autoria do professor Ivan Paganotti (USP), que discute a “certificação de boas práticas em veículos jornalísticos” em busca de um padrão de qualidade editorial. A iniciativa do Credibilidade visa recomendar, avaliar e certificar “procedimentos jornalísticos de verificação e correção de informações” para aprimorar e, por consequência, fortalecer as práticas jornalísticas no País.

O segundo texto do dossiê – da autoria de Tais Tellaroli Fenelon e Lucas Souza da Silva, ambos da UFMS – analisa momentos que marcaram a disputa eleitoral nas eleições municipais de 2024, discutindo “o ethos e o pathos no discurso político de Pablo Marçal no debate televisivo da Rede Globo”, na disputa à Prefeitura de São Paulo (SP). O estudo foca na ‘interface entre comunicação e política, a televisão como palco de encenações de espetáculos políticos’ e as estratégias de lideranças populistas em busca de espaço no cenário eleitoral.

A terceira contribuição é da autoria de duas pesquisadoras (Aline Camargo e Liliane de Lucena Ito, da UNESP) e também analisa momentos da disputa eleitoral pela prefeitura da capital paulista, identificando as “estratégias discursivas de Pablo Marçal nas eleições municipais de 2024” pelo perfil de um “candidato coach”. O estudo inédito conclui que o então prefeiturável “constrói uma imagem de líder messiânico, autônomo e moralmente superior, reforçando seu papel de outsider político”. Trata-se de uma narrativa “marcada por simbolismo religioso, apelo emocional e linguagem motivacional, alinhando-se ao populismo digital e às lógicas do engajamento algorítmico”, avalia a análise.

O quarto texto selecionado ao dossiê é de autoria de um pesquisador da área de saúde na UFMG (Edson André Pereira Hilário), que discute a “desinformação e a instrumentalização política dos discursos antivacinais em perspectiva transnacional”, no dilema que o próprio autor resume ‘entre o voto e a seringa’. “Mais do que reflexo de ignorância, os discursos antivacinais se tornaram artefatos simbólicos e políticos de alta densidade”, observa Edson Hilário, ao apresentar a pesquisa que analisa a “instrumentalização política desses discursos

em quatro blocos geopolíticos (América Latina, Europa, Ásia e América do Norte), com base na metodologia da Revisão Narrativa Comparativa Transnacional (RNCT)”.

O próximo ensaio publicado no dossiê trata das bolhas cognitivas que potencializam a circulação desinformativa. Trata-se de uma “análise teórica sobre a construção e resistência da crença política nas plataformas digitais”. Thiago Henrique de Jesus-Silva é pós-graduando em Comunicação na UFC e “propõe uma análise teórica sobre a persistência da desinformação política nas plataformas digitais, mesmo diante de correções jornalísticas fundamentadas”.

E, por fim, o sexto ensaio do dossiê é uma proposta para acompanhar e monitorar as estratégias desinformativas utilizadas em debates eleitorais. A iniciativa de um grupo de investigadores de Jornalismo da UEPG (Amanda Cristine Lima Crissi, Manoel Moabis Pereira dos Anjos, Marcelo Engel Bronosky e Sérgio Luiz Gadini) apresenta uma metodologia para identificar se candidatos participantes de debates eleitorais (seja em espaços presenciais, on line ou transmitidos por rádio e TV) utilizam desinformação para se apresentar ao eleitor. A iniciativa surgiu de uma experiência didática realizada com um grupo de pesquisadores durante o acompanhamento de debates eleitorais nas eleições municipais de 2024 em Ponta Grossa (PR).

A entrevista com o jornalista Antonio Rocha Filho – feita por um grupo de pesquisadores em comunicação na USP (Patrícia Rangel, Luciano Victor Barros Maluly, Antônio Moraes de Paiva, Andrei Gobbo) – recupera a trajetória de quatro décadas de trabalho profissional (repórter e editor) na área, pesquisa, consultoria e docência do entrevistado. Rocha Filho avalia as transformações nas rotinas de trabalho dos periódicos e, conseqüentemente, dos jornalistas. “Com um olhar sobre a passagem do meio analógico para o digital, o entrevistado aborda as mudanças nas formas de produção da notícia, inclusive com o uso da Inteligência Artificial”.

Boa leitura na sintonia de um combate à desinformação nos mais variados campos sociais!

Juliano Carvalho (UNESP)

Manoel Moabis (UEPG)

Marcelo Bronosky (UEPG)

Sérgio Gadini (UEPG)